

Anno 16\$000
Semestre 9\$000
Trimestre 5\$000

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

Escritorio: 70, Rua do Ouvidor '70.

ANNO VII

RIO DE JANEIRO, 30 DE OUTUBRO DE 1875

N. 320

IMPEDIENTE

Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes publicações, com que fomos obsequiados:

Ao Sr B. L. Garnier — o numero de novembro do *Journal des Familias*, contendo um elegante figurino e estampas de modas.

Ao Sr Pires d'Almeida — *Marygrove da Vida Intima*, photographias á penna de varios typos de maridos, mas que se manifestam as propensões comens do auctor.

Ao Sr A. Teixeira — *Os Jesuitas*, poema em que se diz que

Esta setta não grande trabalho
Nós dará p'ra final extincção;
Que resozija um illustre Carvalho...

Será a extincção dos Jesuitas mais uma gloria reservada para o Sr Carvalho da *Crioulos*?

Ao Sr E. Vallaesque de Andrade — *Augustas*, modinha para piano e canto, publicada na Bahia. E' de fazer chorar como se tivesse pimentas, ali...

A' *Opulência Fluminense* — o seu *Relatorio*, que mostra n'atvel progresso nas operações de seguros mutuos.

Sr Um Assignante — Está em minoria, sim, senhor. Isto não quer dizer que queisemos e que adoramos: não, mas... veré.

Sr A — A sua *Indifferença* deixou-nos perfeitamente indifferentes. O que nos causou asombro foi a sua tolice. Essa sim, que é enorme!

O Sr. presidente do Conservatorio.

Se a prohibição da representação do drama *Os Lazaristas*, não tivesse tido como profuro resultado chamar a attenção de um povo inteiro para as arbitrariedades de uma policia digna dos indigenas, um outro officio teria produzido, e esse, incontestavelmente de mais valia e superior significação para a nossa litteratura.

O povo soffria, a liberdade de reunião foi espezinhada; mas a litteratura enriqueceu-se com algumas — cartas de S. Exc. o Sr. conselheiro presidente do Conservatorio. E se aq'ui a tempo, algum quiz rememorar o que se acada do passar, não procure os documentos na secretaria da policia, procure-os na *Naplo* e no *Globo*, folhas que têm eschadado por esse mundo, e modelos epistolares de S. Exc. o Sr. conselheiro presidente do Conservatorio.

Essas cartas, que miram principalmente a desvirtuar os factos, não períodos da sua erudição de que são os pontos de prova do nosso *Lazaristas* da Typica. Porque é preciso que se valha o Sr. presidente do Conservatorio scala de traductor Lamartine, corrigindo-lhe certos defectos, peculiares a'quelle sujeito. Per isso S. Exc. não é só

presidente do Conservatorio, mas deputado, nem alto funcionario, S. Exc. é tambem traductor de Lamartine, a quem corrigiu, quando saí da Camara, do Conservatorio, ou do Thesouro!

E' uma maneira como outra qualquer de passar a noite. Em vez de se jogar o voltarete, o whist ou o gambo, corrige-se Lamartine, o que com certeza é muito mais glorioso.

Mas da leitura d'essas cartas chega-se ás seguintes conclusões:

Que S. Exc. serve de graça o lugar de presidente do Conservatorio;

Que em França, os Conservatorios têm reprovido diversas peças;

Que S. Exc. proceem como funcionario e que o seu unico juiz é a sua consciencia.

Ora que S. Exc. sirva de graça, isso pouco importa, mesmo porque não será difficil provar, que se S. Exc. como diz e nós acreditamos, não tem ordenado o gratificação por esse serviço, S. Exc. tenha por servir aquelle cargo, um camarote em cada theatro, ou cadeiras n'aqueles em que não tem camarote. E se n'esses camarotes só estivermos habituados a vêr os membros do Conservatorio, nenhum esculptura teria o nosso reparo, pois ficaria demonstrado — que S. Exc. não tinha remuneração, mas cautava de *meio-tom*, com prejuizo das empresas; porém, as zozas obvias-tém outra origem, qual seja a de vermos nos legados do Conservatorio pessoas que a elle não pertencem.

Este facto, de nenhuma monta, serve unicamente para provar, que, assim como S. Exc. se recobeeza ordenado poderia convidar os seus amigos para um chá, assim tambem, como não tem remuneração alguma, os convidá para o seu camarote, que é do Conservatorio.

Dizemnos S. Exc. que em França se tem reprovido muitas peças por diferentes motivos. Ora até ahí chegou o Never... Para o exemplo vale de algumas cousas, era preciso que S. Exc. nos apontasse uma peça reprovida nas collecções em que o foi *Os Lazaristas*. O que Conservatorio da França tem reprovido muito drama, isso toda a gente sabe; mas o que não scia mas que se explicasse era a razão, por que se approvou o drama *Os opostos* do qual, que fica reprovido em França, e não se approvou o drama *Os Lazaristas*, que tendo sido representado em diffinias outras cidades de uma nação, victimas, talvez em maior gráo, dos ultramarinos, não provocou a menor perturbação da ordem publica.

Isto é que S. Exc. devia explicar, em vez de fazer crudição para dizer o que todos sabem. Além d'isso a que vem o conservatorio da França a respeito d'esta questio? Porventura aquella instituição pôde ser lambuada quando se trata do nosso conservatorio? Porventura contou a S. Exc. que o conservatorio francez encasouja uma peça, por sua conta, como fax o nosso, e sempre com grande infelicidade?

Pois ha em alguma parte do mundo um conservatorio que fizesse n'uma peça uma alteração d'esta ordem:

... Por Deus!

A dama vai levar para o seu tabaco

(alteração).

A dama vai levar um man quarto d'obra!

e que mundas substituir esta rubrica d' *se jete dans sa brasa que d'a combustion* e muitas outras que hão de formar um almanach de *Bernardini* do conservatorio?

Vale S. Exc. quanto foi inferior a se lembrar do conservatorio de França para se defender. Seria preferivel que S. Exc. que conhece tão de perto aquella instituição, procurasse imitar-lhe a imprudencia, a ponderação mas de deliberação e do facto conhecimento de suas elevadas attribuições. Porque, fiqué S. Exc. sabendo, por mais talento que Deus lhe deu, por mais estudos que tenha, e por mais reputação de que goze como sabio, S. Exc. não tem o direito semo de apontar o que não pôde ser approvado; mas não do com um trapço de penna, riscar o que muitas vezes custou muito trabalho e bastantes difficuldades.

Não chega a tanto o poder de ceasar official, ainda que o cargo seja exercido de graça. E a proposito não occorre, que se o Estado tivesse de remunerar tal cargo, só a preferivel que a remuneração fosse para S. Exc. o não occupar.

Tudo anda seguro

De todos os seguros inventados, nenhum me sorria mais quando eu era um *jeffrillo* do que o seguro de vida.

Passava eu que em uma prancha segurando a vida não morria nunca. Colava de crissaca.

Com o correr dos tempos veriquei que o tal seguro de vida era apenas a segurança da vida. A grande mortalidade entre os associados é que constata a felicidade e as boas liquidações para os sobreviviam.

Quando eu supunha que tinha a vida segura, só encontrava por toda a parte quem me descesse a morte. Se o estado hygienico da cidade era bom, mal iam os negocios, mas se de repente vinha uma febre amarella, que limpasse tudo, então sim, a prosperidade das sociedades que se pediam salvar, tomava proporções millonarias!

A justa de hygiene e a Camara Municipal têm por força a vida segura, porque até hoje não concorrerá generosamente para as boas liquidações.

Depois d'esta qualidade de seguros, appareceram muitas outras e variadas classes de seguros.

Tivemos o seguro dos bilhetes da loteria, o seguro do recrutamento, o seguro do capital empregado no elemento servil, o seguro de carros e burros, e até se projectos um seguro para as casas fallidas!

De que ainda se não trato, mas temos certeza de que ha de tratar-se, é de segurar as algebras do proprio contra os ladrões, e os queixos de uma parte da humanidade contra as iras de outra parte, que entende *dever* esmurrar-l'os de quando em quando.

Nesta ultima companhia alistava-me eu, e conheço mais uma dúzia de amigos que ficam o mesmo.

Comoga a sentir-se grande falta de segurança para os nossos amavéis queixos.

O que se nota, porém, é que cada fca tão seguro n'estas companhias de interesses mutuos como o dinheiro do contribuinte. Por esse responde eu.

Inscreevo a gente n'uma d'estas sociedades por exemplo com 125000 por anno. A primeira coisa que tem a pagar não é os 125000 do primeiro anno, mas 5%, sobre todas as mensalidades em 25 annos. De modo que paga dando já a administração do dinheiro que ainda não deu, e que só irá dando no decorrer dos referidos 25 annos.

E por uma circunstancia de facil comprehensão chega-se ao resultado de que o que fica seguro não é o capital que se dá, mas a commissão que se paga logo. E Deus dá saude a quem chegar ao termo do prazo.

Os resultados, por fim de contas devem ser colossaes. E maior parte dos contribuintes entram a primeira vez por condempnaciona, e depois o que querem é continuar a... a pagar.

Tem por fim as liquidações feitas, no termo de 25 annos, *liberare se coarctava*.

Ora, quanto a isto, a libertação d'elles por este modo ha de ser all pela proximidade da sua morte, o que lhes deve dar um algrejo de ouvir a alma, visto que o corpo.....

E tudo isto se faz pelo amor, simplesmente pelo amor, dos pobres escravos. Não ha outro movel que guie o espirito caritativo das almas benfazejas, consagradas deus'arte a esquecer-se de si pelo bem dos outros.

Como é bello este exemplo, como é nobre este intuito, como é esplendida esta abnegação para redimir o escravo e entregar-lhe a liberdade d'aqui a 25 annos, sem outra recompensa além das benções da humanidade agradecida, e philanthropica por um simples 15\$ sobre cada 200,000.

Se com isto não se apazaha a bonaventurança, então nem o Apolo! lá mette o nariz.

PERDO MALAS ARTES.

O conde de Castiglione

O *espiritismo fluminense* soffreu uma grande despolvo com a vinda do notavel prestidigitador a esta terra.

Na verdade haver no globo terraqueo um homem que faz coisas tão prodigiosas, e non sequer ser *espiritista*, é uma das demônios, e deve fazer perder a cabeça nos *espiritos*, se é que elles podem perder o que não têm!

Mas, que se levantam e gyrant em danças vertiginosas por todo um palco, — *espiritos bateladores* ás claras, — caveiras que respondem com todo o acerto ás perguntas que se lhes fazem, — varas que se sustem colladas ao corpo, contra todas as leis da gravidade, — que mananciaes de recursos para a propaganda da *sancta causa*, que fonte inesgotavel de maravilhas para estabelecer os creditos dos *espiritos*, — elles, que até hoje apenas tinham conseguido o prodigio de fazer mirar um gato quando lhe apertam o rabo!

Mas não! O celebre prestimão attribuo ás coisas as mais extraordinarias, causas naturalissimas e apresenta-se nos espectadores como um simples mortal de carne e osso!

Se n'uma sessão de *espiritistas* se conseguisse mostrar apenas dois prodigios que vimos fazer ao Conde de Castiglione, quem poderia aturar os *espiritos*, os *iluminados*, os *mediuns*, que tanta balha fazem e tão pouco têm feito?

Como ficam amesquinçados os creditos da *seita espirito*, quando vimos que um simples prestidigitador, non o auxilio apenas da ligeireza das mãos, e á luz clara e brilhante das *gambiaras*, consegue fazer o que os *mediuns* com o auxilio dos *espiritos* não têm conseguido ás escuras!?

Para poder apreciar as milagrosas revelações *espirito*, é necessario *preparar* se um individuo durante meses. Depois d'esse noviciado é que o profano fca um *mediun perficito*, (ou um maluco varrido que é tudo uma e a mesma coisa). E' então que começa a ter relações com os entes sobrenaturaes das regies etheraes, e então é tambem que conhece a *arção do perspicado* que o rodeia. Os *espiritos* não invadidos mas nunca apparecem! Chama-se por um *espirito do ganho* como por qualquer negro de esquina, para nos ajudar a fazer a mudançã e pompar as *despezas* com as *Andorinhas*, e o *espirito* não vem! — Apella-se para os *espiritos bateladores* e não comparecem.

Procuramos ver o *espirito* do nosso pai e vemos que desde que elle é *espirito*, já não nos tem affeição, porque não está para nos aturar, e faz ouvidos de mercador.

Com o Sr Conde de Castiglione as coisas passam-se de uma maneira completamente differente.

Não nos exige um noviciado tão longo, não nos pode fôr viva, nem organização especial, prescinde mesmo que sejamos *doidos*, quer apenas que paguemos uma entrada no theatro imperial, e por tão pouco, nos mostra n'uma hora que os *espiritos* não têm conseguido mostrar-nos em...

Mas os *espiritos* não cabedão, de boa tempera e não perdem as estribelas!

Se elles fizeram dos Srs Fay e Keller um *mediun*, com muito mais razão hão de fazer do Sr Castiglione um *espiritista vulgar* ha!

Alis apenas uma coisa que lhes deve chamar embaraço e inconstancia elle é que, segundo os estatutos da confraria, não é permittido receber dinheiro pelas magistaturas *espirito*.

Ora o Sr Castiglione entendo a muito bem que estas coisas *gratias, gratias, sem pagar nada*, poderão ser doutrinas nobres e essencialmente *espiritistas*; mas como Sr. Ex. não se alimenta com *esquemas de mediun*, nem tão pouco com *ouzellos de espiritos bateladores*, vai recebendo nobre e honestamente os seus *cabros*, no que mostra pouco *espiritismo* mas muito *espirito*.

N'uma coisa apenas existem pontos de contacto entre o notavel prestimão e os *espiritistas* — é que nas sortes do Sr. conde de Castiglione ha apenas dois cramos de papello, enquanto que nas sessões *espiritistas* ha tantos cramos de papello quantas as cabeças dos socios.

ALFREDO RIBEIRO.

Mai

A M. DE CAMPOS CARVALHO

Ella relava perto
Do fillo, que dormia,
E candida sorria
Ao lyrio enturbato.

Da lua um raio incerto
Non quarto se perdia;
E a mãe olhava o dia
E a luz do seu deserto.

Non berço fluctante
Move-se agora o infante
E acorda prateando...

Não ha quadro mais bello
Que a mãe, solto o cabelo,
O fillo acalentando!

A. C. GONÇALVES CERDEIRA.

(Extrahido das *Miniaturas*.)

SALPICOS

Temos esta semana cheia de novidades theatraes, um tal regabalo de divertimento, que até já se vai perdendo a memoria das *Lazarietades* do dia 13.

Perdendo, é não hem a palavra; arrefoedado, é que eu queria dizer.

O Casino apresentou-nos a *Revue Indigo* com um apuro digno de nota. Já não fallo dos trajes dos artistas principaes, que estes em toda a parte se mostram *esplendidos* com uma reis de precepço, mas os proprios puchas vistas, os pinnaços que figuram — oh! se figuram! — nos planos do fundo, apresentaram-se que nem a gente os conhecia.

A *Revue Indigo* era já minha conhecida do Alcazar, e não me tinha desagrado. Ainda assim, e apesar de serem sempre os confrontos desfavoraveis a quem vem por derradeira, a peça parecem-me outra, tão superior lhe acheli o desempenho, mesmo por parte das actrices do sexo *sol-dicant* bello.

Deixe-se ao collega da Vida o cuidado de esmoçar se a Sra Henry deu todos os *lós do spiritito*; o que não pudece duvida é que com mais graça ninguém faria o papel d'aquella rainha apaixonada, porém tures. Hervier, por seu lado, criou um enredo impossivel, um typo do mais extravagante effeito. Quanto ao tenor, é muito boa pessoa, não estava mal ventido, e goza de uma saude de ferro, o que allas tambem acontece á Sra Delmayr.

Mas o successo da representação, a suprema malicia da peça, está no primeiro acto, em que apparece no palco — com liempã! — um burro, a quem todos se admiravam que o Conservatorio não houvesse posto embargo.

O burro de que me cato occupado não falla em scena, não escoteões, nem se permitta certas liberdades que um Conservatorio deve cohibir — direi mais: impedir. Mas, não ha quem o ignore, não existe animal mais cheio de allusões do que o burro.

O Conservatorio que foi criado no intuito de *eleger o sicut de arte dramatico* não devia permittir que um burro, (satis, em latim) animal de carga, subisse a uma scena publica.

Supponhamos por um instante que aquelle quadrupede, arrastado por fustagos exemplos tomava a palavra e zurrava para allar durante mais hora — não havia de fallar que dissesse que o Conservatorio...

Esta hypothese, que figurei tão somente para dar idéa das imprudencias a que um mal entendido liberalismo pôde arrastar o melhor dos conservatorios, esta hypothese é puramente gratuita. O *jerico* não misturou as suas zarrarias aos compassos de Strauss. Outro fira elle...

Non entanto eu vi uma pessoa que me pareceu serio, attribuir ao personagen que aquelle burro representava, allusões pessimas das mais caracterizadas.

Quem, nem elle o chegou a dizer, nem eu me atrevo a fazer julgos temerarios.

Prefiro mesmo supôr — e aconselho o leitor a fazer contra tanto — que a allusão ha com sobroscrito aos *jericos* que no Prado tão proporcionalmente um intermedio comico ao espectador caridoso. Porque ultimamente as corridas, seguindo o mesmo exemplo dos espectaculos dramaticos e dos concertos, puzeram se ao serviço das associações de beneficencia, e so passo que nos divertem, concorrem para allivar bastas misérias augmentando os meios das beneficencias.

E' uma bella inspiração e que por certo mais val fazer lastimar o encerramento, por este anno, das exhibições hyppicas.

Mas tudo acaba, mesmo as estações lyricas, e a prova é que depois de amanhã, segunda-feira das almas, dá a sua ultima representação a companhia lyrica.

Vamos ficar outra vez ás moscas, e talvez que não, pois o Alcazar promette-nos mosquitos por cordas e os meninos orphãs a cavallo.

O que surdirá de tanta promessas talvez hoje o diga o nosso bom amigo A. de A., chromista e oraculo encartado d'aquella caixa de musica franceza. E, por Deus! que não dirá senão bem.

E é melhor, é circulente ser assim. Das que não dizem senão mal andamos não todos chãos a trabouder. Se até já houve quem ergovesse um busto de externalidade contra o corpo de *espiritismo*, uma policia tão bôa, tão exemplar, tão — tão — tão cara! *hêus!* — a nós todos, e tão defendida pela Nêpo!

Seria, dissolver o corpo de urbanos, seria dar um golpe aniquilador no povo, que em mais ninguém confia senão n'elles. Quem mais diligente, quem mais activo, quem mais vigilante, quem mais sagaz? Quem? Façam favor de me responder: quem?

Com uma policia tão cheia de qualidades a propriedade do cidadão está tão garantida, que quando se nos apparece qualquer objecto, nem ha que perder tempo em procurar, nem nada: é dirigirse logo ao urbano mais proximo.

Se assim não se chega a descobrir o perdido, então é rezar-lhe por alma... Nem com tres resposas a Santo Antonio...

Boa.